

A palatalização e a sibilante [ʃ] no português europeu

por

MARIA AUGUSTA CAVACO MIGUEL

0. Introdução

A palatalização é provavelmente o fenómeno fonético mais relevante que a língua portuguesa tem vindo a sofrer através dos séculos, tanto pela sua latitude como pela sua persistência. Os processos de palatalização, nalguns grupos segmentais, remontam à época imperial romana, tendo a sua lenta mas definitiva evolução prosseguido com o galego-português medieval a exhibir já seis novos fonemas desta natureza (cf. Teyssier 1980:11). Este mecanismo de evolução histórica da língua continuaria paulatinamente, com palatalizações subsequentes que se foram juntando às primeiras, tendência que ainda persiste na fase actual da língua portuguesa.

Dada a magnitude deste problema, seria demasiado ambicioso falar diametralmente da palatalização neste espaço, apesar do seu interesse para uma visão global do fenómeno. Assim, selecionei para análise a palatal [ʃ], visto que esta consoante apresenta particularidades fonológicas bastante representativas do seu passado histórico. A discussão que se

segue centrar-se-á nos grupos latinos e nas sibilantes¹ que, neutralizados num único som apenas, o [ʃ], nele convergem também diferenças fonológicas significativas que me proponho analisar à luz da Fonologia da Regência.

1. A história

A língua portuguesa não recebeu como herança da língua latina a sibilante [ʃ], tal como hoje se constata correntemente nas palavras portuguesas. Grupos consonânticos latinos como o *cl* de “clamare”, o *pl* de “plorare” e o *fl* de “flamma”, por exemplo, evoluíram no galego-português para a africada [tʃ], que viria mais tarde a passar com a mesma forma fonética para o Português, podendo-se ainda encontrar alguns resíduos da mesma, na fala, nalgumas zonas do nosso país, mas tendo evoluído quase totalmente para um único som palatal, o [ʃ] de *chamar* [ʃɐmár], de *chorar* [ʃurár] e de *chama* [ʃɐmɐ]², respectivamente, a partir do século XVII.

Também do Latim chegou até nós um outro grupo consonântico, o *ks*, que se mantém nalgumas palavras como *fixo*, mas que encontrou igualmente a palatalização em [ʃ], nas palavras *escravo*, *excelente*, *extraordinário*, *sexto*, etc.

A partir do século XVIII, o som [ʃ] surge também em palavras como *pasta* [pástɐ] e *dois* [dójʃ], sendo o resultado

¹Entendemos por sibilantes os sons /s z/ e /ʃ ʒ/, segundo a proposta de Herculano de Carvalho (1984) que afirma o seguinte: “No sistema consonântico português existem quatro alofones classificados como consoantes (contínuas) sibilantes [...]. Esses quatro alofones, que assim representam outros tantos fonemas, são /sz/ alveolares surdo e sonoro, e /ʃ ʒ/ prepalatais surdo e sonoro respectivamente [...]” (p. 454).

²Sobre a evolução histórica destes sons, veja-se P. Teyssier (1980). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

da neutralização³ das sibilantes /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ em final de sílaba e em final de palavra⁴. No Português contemporâneo, palavras como *discípulo* e *piscina* são vulgarmente pronunciadas [dʃíplu] e [pʃíne], com uma assombrosa imposição da palatal.

O percurso histórico justifica a pluralidade gráfica com que nos deparamos na fase actual da língua (x, ch, es, s, z, correspondem geralmente a uma entidade fonética apenas: [ʃ]) e justifica também algumas características fonológicas específicas deste som.

Em termos silábicos, o som [ʃ] comporta-se de maneira diferente nas palavras *chave* [ʃáv] e *espaço* [ʃpásu], *peixe* [péjʃ] e *cais* [kájʃ], mesmo quando nos respectivos pares de palavras ocupe a mesma posição.

As reacções desta consoante à presença de outros sons denuncia a sua capacidade de ligar-se a dois tipos de construções silábicas, mesmo quando, foneticamente, ela ocupe a mesma posição nas palavras. Assim, em determinadas instâncias, o [ʃ] liga-se por um ponto esquelético a um ataque (este é comumente o que teve origem nos grupos latinos), e noutras prende-se a uma rima, constituindo aí o resultado da neutralização de uma sibilante. Nesta última instância, há a possibilidade de o [ʃ] formar constituinte com um núcleo vazio, capacidade que lhe é exclusiva.

Esta versatilidade silábica pode ser apreciada facilmente nas palavras do Português europeu.

³ Entendemos por *neutralização* a noção apresentada por Trubetzkoy em *Principles of Phonology*, cap. V. Los Angeles: University of California Press.

⁴ Como Câmara (1970-71) e Carvalho (1984) apontaram, no Português europeu não se diz [pasta] mas [paʃtɐ], como não se diz [meʒmu] mas [meʒmu]. No entanto, no início de palavra e em posição intervocálica, s e z ocorrem livremente: [sapu], [zone], [asu], [azu]. A neutralização destes sons ocorre quando estes se encontram no final de sílaba e no final de palavra.

2. O problema

As palavras *chegar* [ʃgár] e *escola* [ʃkɔˈlɐ] começam ambas foneticamente pelo mesmo som: [ʃ]. À primeira vista, seria de esperar que em ambas a consoante inicial tivesse a mesma representação silábica. Mas, se as submetemos a determinados testes, é-nos possível demonstrar que, mesmo quando o som inicial destas palavras seja o mesmo, a sua situação silábica numa e noutra é diferente. Basta tão simplesmente que se lhes anteponha a vogal [i] para obtermos uma palavra inaceitável em *chegar* *[iʃgár] e uma admissível em *escola* [iʃkɔˈlɐ]. Esta reacção faz-nos prever em *chegar* a existência de um núcleo vazio⁵ à direita de [ʃ] mas não à sua esquerda, enquanto que em *escola* a situação é inversa: prevê-se a existência de um núcleo vazio à esquerda de [ʃ] e não à sua direita, como indicamos nos exemplos:

escola [øʃkɔˈlɐ]

chegar [ʃøgár]

O facto de [ʃ] estar foneticamente no início de palavra em *escola*, *estrada*, *explicar*, sem que exista antes dele um segmento com valor fonético, não significa que, fonologicamente, ele ocupe o primeiro constituinte da cadeia silábica, e muito menos que as consoantes *ʃk*, *ʃtr* e *ʃpl* formem grupos consonânticos passíveis de serem agrupados num mesmo constituinte fonológico. Esta situação, que pode ser demonstrada através das diversas reacções fonológicas dos

⁵ Os núcleos vazios reforçados, no início de palavra, são interpretados com a vogal [i] e não com a vogal [ɨ], como se demonstra em Cavaco Miguel (1993). "Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa", Tese de Doutoramento, Universidade dos Açores, Cap. VI.

segmentos às estruturas silábicas em que estão inseridos, estabelece uma diferença silábica entre as palavras cujo [ʃ] inicial se liga a um ataque simples e aquelas em que ele se prende a uma rima cujo núcleo está esvaziado de conteúdo fonético.

2. 1 O [ʃ] no ataque

O segmento [ʃ] comporta-se como qualquer consoante, ao prender-se a um ataque simples através de um ponto esquelético.

2.1. [ʃ] seguido de núcleo

Analise-se os exemplos seguintes:

(1)		(2)	
chá	[ʃá]	achar	[ɐʃár]
chuva	[ʃúvɐ]	alcachofra	[alkɐʃɔˈfrɐ]
cheio	[ʃéju]	bolacha	[buláʃɐ]
chefe	[ʃɛˈf]	concha	[kõʃɐ]
chicote	[ʃikɔˈt]	mancha	[mẽʃɐ]
chocolate	[ʃukulát]	tacho	[táʃu]
(3)		(4)	
xaile	[ʃájɫ]	ameixa	[ɐmɛjʃɐ]
xarope	[ʃɛɾɔˈp]	bexiga	[bʃígɐ]
xarroco	[ʃɛRóku]	caixa	[kájʃɐ]
xeque	[ʃɛˈk]	deixar	[déjʃár]
xerez	[ʃrés]	frouxo	[fróʃu]
xelim	[ʃli]	peixe	[péjʃ]

As palavras de (1) e de (3), mesmo quando tenham uma representação gráfica diferente para o som inicial, *ch* em (1) e *x* em (3), correspondem ao mesmo som [ʃ], com um único valor fonológico. Ao ter uma vogal à sua direita, prevê-se que fonologicamente a consoante se prenda na cadeia silábica a um ataque simples, através de um ponto esquelético. Nas palavras de (2) e de (4), o som [ʃ], ao encontrar-se em posição intervocálica, faz igualmente a sua ligação ao esqueleto silábico, através de um ponto esquelético a um ataque, como se pode ver nas representações silábicas em (5a e b.):

(5)a				b					
A	N	A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ʃ	ú	v	ɐ	b	ø	ʃ	í	g	ɐ

2.2. Núcleos ramificados antes de [ʃ]

Podemos ainda observar nos exemplos citados que a sílaba que precede esta consoante é uma sílaba aberta, o que confirma a sua posição no esqueleto silábico⁶. A capacidade de ramificar do núcleo anterior a [ʃ] justifica a individualidade silábica da consoante.

A representação silábica das palavras *caixa* e *eixo* correspondem às que apresentamos em (6.a e b.):

⁶ Lembramos que o Princípio da Regência Prosódica (The Principle of Prosodic Government) explica a razão pela qual os núcleos da rima ramificada não podem ser eles também ramificados (cf. KLV (1990)).

(6)a.					b.				
A	N	A	N		N	A	N		
	/	\			/	\			
x	x	x	x	x	x	x	x	x	
k	a	j	ʃ	ɐ	e	j	ʃ	u	

Nos exemplos anteriores, o [ʃ] situa-se contextualmente entre um núcleo ramificado à esquerda e um núcleo simples à direita. A sua situação silábica é, naturalmente, o ataque.

3. O [ʃ] na rima

Gostaria agora de demonstrar que os grupos consonânticos que encabeçam as palavras *chegar* [ʃgár] e *escola* [ʃkɔˈlɐ] têm representações silábicas diferentes. Enquanto que o [ʃ] que se encontra no início da palavra *chegar* se prende a um ataque simples, o [ʃ] da palavra *escola* liga-se à rima, a qual é construída com um núcleo vazio.

Podemos demonstrar a existência de núcleos vazios, através do prefixo *in-*, o qual reage diferentemente a palavras começadas por vogal e a palavras começadas por consoante. No caso de *in-* se ligar a uma palavra começada por ataque, como, por exemplo, na palavra *possível*, a nasalização do *in-* é completa, [ĩpusíveɫ]. Resultado diferente é o que obtemos com a prefixação de *in-* a *eficaz*, onde o prefixo tem a forma fonética [in] e não [ĩ].

Vejam-se os exemplos seguintes:

(7)a.		b.	
acabado	[əkɐbádu]	in+acabado	[inɐkɐbádu]
operante	[ɔpɪrẽt]	in+operante	[inɔpɪrẽt]

- (8)a. feliz [fílɨs] b. in+feliz [ɨfílɨs]

Transpondo esta análise para determinadas palavras começadas por [ʃ], vemos que o prefixo reage como se a palavra começasse por núcleo; isto é, o *in-* não nasaliza, sendo foneticamente [in] e não [ɨ], situação que se observa quando a palavra começa por vogal. Esta reacção do prefixo leva-nos à conclusão de que algumas palavras começadas por [ʃ] têm antes deste som um núcleo que não recebe interpretação fonética, mas que se manifesta silabicamente, como é o caso nos exemplos em (9a. e b.):

- (9)a. esperado [ʃpirádu] b. in+esperado [inʃpirádu]
esquecível [ʃkesívɐɫ] in+esquecível [inʃkesívɐɫ]

Estes exemplos demonstram inequivocamente que existe um núcleo vazio antes do som [ʃ] no princípio de palavra.

3.1. [ʃ] e os núcleos vazios

Da análise das palavras anteriores decorre que a consoante [ʃ] se pode prender, silabicamente, a uma rima. Vemos ainda nesta consoante a capacidade de formar constituinte com um núcleo foneticamente nulo.

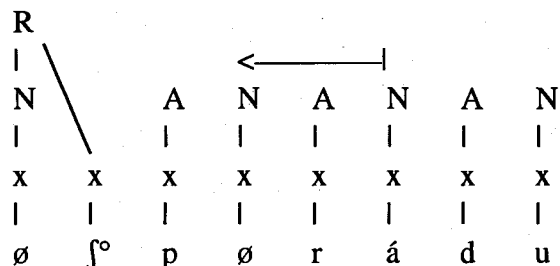
Esta característica desta consoante vai permitir uma sequência de dois núcleos vazios adjacentes sem realização fonética, como é o caso nos exemplos de (10):

- (10)
esperado [øspørádu]

esqueleto	[øʃkølétu]
especial	[øʃpøsiál]
específico	[øʃpøsfíku]
esperança	[øʃpørẽsø]
espetar	[øʃpøtár]

O resultado silábico que obtemos, aparentemente irregular, explica-se da seguinte maneira: no início destas palavras, existe um núcleo vazio sem interpretação fonética, como vimos anteriormente, e, à direita da oclusiva, situa-se igualmente um núcleo vazio, que pode deixar de ser pronunciado em virtude de estar a ser regido pelo núcleo que lhe fica mais à direita⁷. Assim se explicam também os grupos de consoantes que ouvimos no início destas palavras: [ʃpr], [ʃkl], [ʃps] e [ʃpt], os quais resultam do apagamento de vogais em núcleos adjacentes, como acabámos de ver. Podemos visualizar o problema no esquema apresentado em (11):

(11)



⁷ Para uma análise pormenorizada sobre a regência de núcleos pretónicos no Português europeu, v. Cavaco Miguel (1993). "Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa", Tese de Doutoramento, Universidade dos Açores, Cap. II.

O facto de as rimas com [ʃ] se apresentarem com um núcleo sem conteúdo fonético só se compreende se se tratar de uma estrutura silábica permitida pelas características deste segmento. A possibilidade de associar-se a uma rima em que a vogal é zero aparenta ser mais uma das particularidades que temos vindo a constatar na consoante [ʃ]. A única justificação neste caso é uma vez mais a natureza intrínseca desta consoante, que lhe permite formar um constituinte com um núcleo foneticamente vazio. Esta particularidade de [ʃ] de ser um segmento **auto-regido** numa sequência **s+C** foi demonstrada por Kaye (1991) num trabalho em que o autor se debruça sobre o Italiano, o Português e o Grego antigo, línguas em que esta sequência de consoantes apresenta um comportamento semelhante.

4. [ʃ] em posição postónica

Em posição postónica, temos que ter em consideração duas situações: a primeira é aquela em que o [ʃ] está seguido de consoante; a segunda tem a ver com o [ʃ] no final de palavra. Quando o [ʃ] está seguido de consoante, isto é, quando fecha a sílaba, a sua posição silábica é, naturalmente, a rima, tal como nas situações pretónicas. No final de palavra, onde [ʃ] é igualmente o resultado da neutralização das sibilantes, verifica-se que a sua posição silábica é o ataque seguido do núcleo que o autoriza.

4.1. [ʃ] no final de palavra

No final de palavra, os sons [s], [z], [ʃ] e [ʒ] neutralizam, como já antes foi referido, ouvindo-se neste ponto apenas a palatal [ʃ]. Contudo, se a palavra seguinte começar por

consoante surda ou sonora, ou por vogal, ouvem-se respectivamente os sons [ʃ], [ʒ] e [z], como podemos constatar através da observação dos exemplos apresentados em (12):

(12)

mais	[majʃ]	mais calor	[maiʃkəlór]
		mais gordo	[maiʒgórdʊ]
		mais antigo	[majzẽtígu]

É curioso notar que, paralelamente às palavras cujo [ʃ] final se assimila ao som da palavra seguinte, existem palavras que, terminando igualmente nos sons [s], [z], [ʃ] e [z], não só não neutralizam como também não assimilam o som da palavra seguinte. São exemplos as palavras *doce* [dós], *doze* [dóz], *peixe* [pejʃ] e *hoje* [óʒ]. Este comportamento denuncia duas situações fonológicas diferentes uma da outra nas palavras terminadas foneticamente pelo som [ʃ]. Para melhor identificarmos o problema, proponho que observemos os exemplos de (13):

(13)

doce amargo	[dos̺iɐmárgu] / [dosɐmárgu]
doce bom	[dosbõ] / * [dosibõ]
doze horas	[doziɔˈrɐʃ] / * [dozoˈrɐʃ]
doze peças	[dozpeˈsɐʃ] / * [dozipeˈsɐʃ]
peixe agulha	[pejʃiɒgúlɐ] / [pejʃɒgúlɐ]
peixe melhor	[pejʃmɔˈr] / * [pejʃimɔˈr]

Vemos, nestes exemplos, que a consoante não sofre alteração e que o núcleo final destas palavras se pode realizar na vogal [i], quando a palavra seguinte começa por vogal, mas não quando ela começa por consoante. Tal não era o com-

portamento das palavras de (12) que, quando a palavra seguinte começava por vogal, via o [ʃ] transformado em [z].

Havendo um núcleo vazio no final de palavras, tanto nos exemplos de (12) como nos exemplos de (13), não é aparente a razão pela qual o [ʃ] final nas palavras de (12) varia consoante o som da palavra seguinte, enquanto que em (13) a consoante quer seja ela [s], [z], [ʃ] ou [z] mantém a sua forma constante, independentemente do som da palavra seguinte, além de que permite que o seu núcleo vazio final se realize na vogal [i].

Este comportamento fonético revela-se pouco útil para a nossa percepção dos factos fonológicos; ou seja, perante a mesma situação silábica, temos reacções fonéticas diferentes de um mesmo som.

Podemos até ser levados a pensar que o [ʃ] que resulta da neutralização se ligue também à rima em posição final de palavra, como acontece noutros contextos. Mas, se tomarmos como exemplo a palavra *rapaz* [Repáʃ] e lhe atribuirmos o plural, obtemos, como é sabido, *rapazes*; ou seja, obtemos uma vogal [i] entre o [z] e o [ʃ] do plural, exactamente como acontece na palavra *peixe*, quando lhe juntamos o plural - *peixes*. Se supusermos que a representação silábica da palavra *peixes* é a que indicamos em (14),

(14)

A		N		A	N	A	N
	/	\					
x	x	x	x	x	x	x	x
p	e	j	ʃ	i	ʃ		

então, a representação silábica da palavra *rapazes* terá que ser a que indicamos em (15).

(15)

A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x
R	ɐ	p	á	z	i	ʃ	

Com a adição do morfema do plural na palavra *peixe*, a consoante não muda, mas a vogal [i] emerge. De igual modo, na palavra *rapaz*, a consoante [z] em posição não-final não neutraliza e surge à sua direita o núcleo vazio (nos termos de Mattoso Câmara, “tudo se resume na reposição da vogal temática -e, que está suprimida no singular mas aparece no plural” (1978: 59-60).

Encontramos aqui uma identidade de comportamentos que nos leva a supor que, tanto na palavra *peixe* como na palavra *rapaz*, existe um núcleo vazio no final de cada uma destas palavras⁸.

Perante estes factos, somos levados a admitir um núcleo vazio no final de palavra após a consoante [ʃ] em qualquer dos exemplos; isto é, silabicamente, admitimos a mesma configuração. Temos, no entanto, que explicar o comportamento diferente deste núcleo numas e noutras palavras.

Na palavra *peixe*, damos conta de um núcleo que se esvaziou foneticamente, porque está a ser autorizado, mas que

⁸ Este pressuposto está aliás bem patente no trabalho de Mattoso Câmara (1984), que nos diz que “Os nomes terminados no singular em consoante posvocálica têm uma forma teórica em -e /i/ átono final, que se deduz dos plurais. Compare-se feliz-felizes[...]”, p. 86.

pode retomar o seu valor fonético em qualquer altura, podendo inclusivamente reforçar-se, admitindo o valor fonético [i]. Por essa razão, a consoante nunca muda, porque a presença do núcleo impede a interacção do segmento anterior a si com o segmento seguinte. Nos exemplos do tipo *rapaz*, o núcleo final de palavra é um núcleo realmente vazio, que não se realiza foneticamente em final absoluto, mas que retoma o seu valor fonético em determinadas situações, como seja no caso da junção do morfema do plural.

Face aos resultados, podemos concluir que estamos perante um problema de interpretação e não de representação. A diferença está entre um núcleo vazio pronunciável no final de palavra e um núcleo vazio não pronunciável.

Assim sendo, a palavra *mais* finaliza num núcleo verdadeiramente vazio, onde não existiu previamente qualquer vogal. Verifica-se que as diversas realizações da consoante só se obtêm, quando o núcleo é realmente um núcleo vazio, que não impede a interacção dos segmentos.

5. [stráðe] vs [triór]

As palavras *estrada* [stráðe] e *exterior* [triór] começam ambas pelo mesmo grupo de consoantes [str]. No entanto, a palavra *exterior* apresenta uma possibilidade fonética que a palavra *estrada* não tem; ou seja, *exterior* pode, alternativamente, ser pronunciada [ejstriór], enquanto que a palavra *estrada* nunca poderá ser pronunciada *[ejstráðe]. Face a estes factos, teremos que tentar explicar a razão deste comportamento díspar.

Uma hipótese natural é a de que o [ʃ] sempre que ocupe uma posição na rima, não permita que o núcleo possa ramificar nestas condições por razões de regência interna do consti-

tuinte. Assim, justificaríamos a impossibilidade de o núcleo ramificar antes de [ʃ] no início das palavras de (16).

- (16)
- | | |
|---------|-------------|
| escada | *[ejʃkádɐ] |
| escola | *[ejʃkɔˈlɐ] |
| esquece | *[ejʃkesér] |

A mesma explicação não se aplica, naturalmente, às palavras de (17):

- (17)
- | | |
|-------------|----------------|
| expansivo | [ejʃpɛ́sivu] |
| extra | [éjʃtrɐ] |
| experiência | [ejʃpøriɛ́sjɐ] |
| excelente | [ejʃɐ́ltɐ] |
| exterior | [ejʃtɛ́riór] |

Se o [ʃ] se ligasse a uma rima, tal como nos exemplos de (16), o núcleo antes de si não teria a possibilidade de ramificar.

O facto de *ex-* poder surgir independente como em :

- (18)
- | | | | | |
|-----------|-------|----------|----|-------------|
| ex -amor | [ejʃ] | [ɐmór] | ou | [ejzɐmór] |
| ex-marido | [ejʃ] | [mɐrídu] | ou | [ejzmɐrídu] |

e de ser comutável com o prefixo *in-* em palavras como *exterior* e *interior* sugere-nos que, nas palavras às quais ele se junta, seja interpretado como constituindo em si próprio uma unidade lexical. Como resultado fonológico, teríamos em *exterior* dois domínios: [ex] [terior].

(19)

N	A	N	A	N	A	N	A	N	A	N
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
e	ʃ		t	ø	r	i		ó	r	

No primeiro domínio, o núcleo final é autorizado, como acontecia com o [ʃ] no final de palavra, sendo o seu valor zero. No segundo domínio, o núcleo vazio está a ser regido pelo núcleo da direita. Logo, é uma vez mais zero. Deste modo, é possível ter uma sequência de dois núcleos vazios em virtude de se encontrarem em domínios diferentes.

Em contrapartida, na palavra *estrada*, a análise fonológica faz-se apenas num domínio:

(20)

R						
N		A	N	A	N	
	/	\				
x	x	x	x	x	x	x
ø	ʃ	t	r	á	d	ɐ

Não existe, portanto, a possibilidade de ramificação do núcleo inicial, o que impede uma pronúncia *[ejʃtráɐɐ].

Conclusão

Neste trabalho, foi nossa intenção delinear a complexidade silábica que a consoante [ʃ] exhibe no Português contem-

porâneo. Consideramos que a sua evolução histórica foi, sem dúvida, a causa do seu comportamento fonológico particular. A convergência de sons de origem diferente num único som fonético traduz-se em situações fonológicas peculiares. Como tivemos oportunidade de demonstrar, a ambivalência desta consoante permite-lhe a entrada em duas construções silábicas — o ataque e a rima. Devido a esta versatilidade, é preciso distinguir, nas palavras começadas foneticamente por [ʃ], as que silabicamente têm esta consoante no ataque das que a têm na rima.

Para além do mais, a sua capacidade de formar rima com um núcleo sem valor fonético faz com que nos deparemos com agrupamentos consonânticos de extensão variada. De resto, esta palatal comporta-se de maneira diferente de qualquer outra consoante no que se refere à sua inter-relação com a vogal zero, ao permitir sequências de núcleos vazios, coisa que, caso se tratasse de outra consoante, estaria a violar os princípios e os parâmetros que regem a organização silábica do Português europeu.

Mas a irreverência desta palatal não se confina ao que aqui foi apresentado. Palavras como *piscina* [pʃínɐ] ou *excêntrico* [ʃɛtriku], assim pronunciadas, mostram, não só que o processo de palatalização continua em curso, mas também que o mesmo está a ganhar uma dimensão que urge compreender.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA, J. (1978). *Problemas de Linguística Descritiva*. R.J.: Editora Vozes, 9ª ed.
- ____ (1984). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 14ª ed.
- CARVALHO, H. (1984). *Teoria da Linguagem, Vol. II*. Coimbra: Coimbra Editora, 4ª Reimpressão.
- CAVACO MIGUEL, M. Augusta (1993). *Os Padrões da Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa*. Tese de Doutorado, Universidade dos Açores.
- KAYE, J. (1990a). Government in Phonology: the case of Moroccan Arabic. *The Linguistic Review* 6. 131-159.
- KAYE, J. (1990b). "Coda" licencing. *Phonology* 7:2. 301-330.
- KAYE, J. (1991). "Do you believe in magic? The story of s+C sequences", in Göksel, A. e E. Parker (1991/1992) *SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics* 2, SOAS: 293-313.
- KAYE J., J. LOWENSTAM e J.-R. VERGNAUD (1985). The internal structure of phonological elements: a theory of charm and government. *Phonology Yearbook* 2. pp. 305-328.
- TEYSSIER, P. (1980). *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora.
- TRUBETZKOY, N. (1936). *Die Aufhebung der Phonologischen Gegensätze*. Versão inglesa, trad. C. Baltaxe (1969). *Principles of Phonology*. Berleley: University of California Press.
- WILLIAMS, E. (1991). *Do Latim ao Português*. R.J.: Edições Tempo Brasileiro, LTDA., 5ª ed..